

Dr. Robert A. Peterson, Teologia Joanina, Sessão 1, Visão geral da teologia joanina

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Teologia Joanina. Esta é a sessão 1, Visão Geral da Teologia Joanina.

Bem-vindo ao nosso curso sobre Teologia Joanina, que é a teologia, especialmente do Evangelho de João, um pouco de suas cartas, e vamos orar ao Senhor.

Pai gracioso, obrigado por nos dar a sua palavra. Obrigado pelo discípulo amado e seu Evangelho e cartas e livro do Apocalipse. Encoraje-nos, ensine-nos, corrija-nos enquanto pensamos sobre essas coisas juntos.

Para expandir nossa compreensão deste quarto Evangelho, oramos por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém. A teologia de João, ou o adjetivo Teologia Joanina, é o assunto deste curso.

É um subconjunto da teologia bíblica. Talvez uma discussão sobre a enciclopédia teológica seja necessária. Teologia exegética é um estudo da Bíblia, especialmente usando as línguas originais.

A teologia bíblica então se baseia na teologia exegética para traçar os ensinamentos da Bíblia historicamente através das Escrituras, do Antigo Testamento ao Novo. Ela segue o enredo bíblico. Um subconjunto, ainda uma divisão, se você quiser chamar assim, da teologia bíblica é o estudo dos diferentes corpora bíblicos, seu plural de corpus, na Escritura.

Então, por exemplo, um estudo da teologia de Paulo, teologia paulina, ou o ensino de Lucas-Atos seria um estudo da teologia lucana no sentido de que se concentra em um autor e seus escritos. É teologia bíblica em vez de exegética, que trabalha a partir do texto para buscar entendê-lo, o amplo sentido da teologia bíblica traçando doutrinas da criação, queda, redenção e consumação. Então isso leva à teologia sistemática, uma apresentação mais abrangente dos ensinamentos da Bíblia, que também leva em conta, não em uma linha reta, como a teologia exegética, a teologia bíblica, a teologia sistemática estão em uma linha reta, mas a teologia histórica, o estudo de como a Igreja entendeu as Escrituras e seus ensinamentos, entra em um ângulo, se você quiser, bem neste ponto, que é contribuir para nossa compreensão da teologia sistemática.

Como poderíamos começar a entender uma teologia sistemática da Ceia do Senhor, por exemplo, sem considerar a teologia histórica? Trabalharíamos com os dados bíblicos, a exegese e o contexto do Antigo Testamento, e então para a Ceia do

Senhor; por exemplo, tudo o que temos é a instituição da Ceia em Mateus, Marcos e Lucas. Não está em João. A celebração da Ceia, mesmo esta, é debatida no partir do pão em Atos 2 e Atos 20.

Acho que a segunda é especialmente a Ceia do Senhor, e suspeito que a primeira também. Então, a discussão de Paulo em 1 Coríntios 10, frequentemente negligenciada, por volta de 16 e 17, e então, é claro, a apresentação de Paulo da instituição da Ceia em 1 Coríntios 11. Isso é tudo importante, a exegese, e então indo do Antigo para o Novo Testamento, por exemplo, com a Páscoa, porque na Páscoa, Jesus instituiu a Ceia do Senhor, transformando o terceiro cálice da bênção da Ceia no cálice da Ceia do Senhor, esse tipo de coisa.

Mas como poderíamos entender uma teologia sistemática da Ceia do Senhor sem considerar as visões católica romana, luterana, reformada e memorialista da Ceia? Então, em todo caso, estamos lidando com teologia bíblica, não no amplo escopo bíblico da ideia de criação, queda, redenção e consumação, mas em um sentido mais localizado, estudando especificamente o ensino do Evangelho de João e um pouco nas cartas de João. Por causa de seu gênero, deixaremos o Livro do Apocalipse e seus ensinamentos para outra hora, outro curso e outro apresentador. Visão geral do nosso curso de Teologia Joanina.

Começamos com o estilo de João porque uma consideração de seu estilo é uma introdução ao seu pensamento. Olhamos para a estrutura do Evangelho de João, que me parece ser tripartite; isto é, tem um prólogo nos capítulos 1, 1 a 18, e um epílogo no capítulo 21. Entre 119 e o final do capítulo 20 está o corpo do Evangelho de João, e isso se divide em duas grandes divisões, como veremos.

O Livro dos Sinais, capítulos 2 a 12. O Livro da Glória, capítulos 13 a 20. Prólogo, Livro dos Sinais, Livro da Glória, epílogo.

Propósitos do Evangelho de João. Utilmente, João nos diz em João 20:30 e 31 que o propósito principal do seu Evangelho é evangelismo, e não há dúvidas sobre isso enquanto o lemos. No entanto, o Livro da Glória não parece ser principalmente sobre evangelismo, exceto por indicar os principais fatos nos quais o evangelismo é baseado.

A morte de Cristo está no capítulo 19, e sua ressurreição está nos capítulos 20 e 21. Mas os discursos de despedida e a oração final de Jesus nos capítulos 13 a 17 não são primariamente para o propósito de evangelismo, então eu tenho um segundo propósito, que é a edificação do povo de Deus. Há possivelmente um terceiro propósito da apologética, que consideraremos quando chegarmos lá.

Quarto, estou dizendo. Essas são declarações no Evangelho de João onde Jesus diz, Eu sou o, e preencha o espaço em branco. Eu sou a porta para o aprisco das ovelhas.

Eu sou o pão da vida. Eu sou a videira verdadeira, e assim por diante. Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

Há sete ditados I am, curiosamente agrupados no Livro dos Sinais dos capítulos 6 a 11, somente no Evangelho de João. Não, ditados I am. Eu apenas falei errado.

Há um grupo lá no Livro dos Sinais. No Livro da Glória, há mais dois ditados Eu sou, no entanto. 14.6 é o mais importante de todos, e então o capítulo 15, Eu sou a videira verdadeira.

Então, cinco dos sete grupos no Livro dos Sinais. Dois aparecem no Livro da Glória. Sete diferentes ditados do tipo "Eu sou", mas não sete significados diferentes.

Três significados diferentes, e João novamente resume de forma útil o significado de todos os sete sinais. Ele resume os três significados dos sete sinais em um sinal, que é 14.6. Eu sou o caminho, eu sou a verdade e a vida, disse Jesus. E só para ter uma prévia do que vamos encontrar, eu sou o caminho, o que significa que ele é o Salvador.

Ele é o portão ou a porta para o aprisco. Ele é o caminho, é a palavra grega o caminho ou estrada, João 14.6 no contexto, a estrada para a casa celestial do Pai, que tem muitos cômodos. Eu sou o caminho, o que significa que ninguém vem ao Pai, exceto por mim.

Ele é o único Salvador da humanidade. Eu sou a verdade. Já no capítulo um do prólogo, que introduz tantos temas, Jesus é apresentado como o revelador de Deus na criação.

Primariamente, no entanto, João mostra que ele é o revelador de Deus na redenção, e quando ele diz, Eu sou a verdade, significa que ele é o revelador de Deus. Ele é a luz do mundo, como ele diz, e então mostra, ao fazer um milagre único em todas as escrituras até aquele ponto, a cura de um homem que nasceu cego. Eu sou o caminho, o Salvador.

Eu sou a verdade, o revelador de Deus. Eu sou a vida, o que significa que ele é o doador da vida. Estou me referindo a João 10, que dá a vida por suas ovelhas? Não, isso é crucial, claro, mas doador da vida, com isso quero dizer que ele concede vida eterna ao seu povo.

Ele concede vida eterna a todos que creem nele. Este é o significado da maioria dos ditos Eu sou e da maioria dos sinais também. Então aqui em João 14.6, Jesus resume os três significados dos sete ditos Eu sou.

Jesus é o caminho, o Salvador, e ele é a verdade, o revelador de Deus, que nunca foi revelado assim no caráter, palavras e obras de Jesus, e ele é o doador da vida eterna. Sinais. Se mapearmos os sinais, se os mapearmos nos capítulos do evangelho de João, encontraremos os sete, encontraremos sete sinais.

A propósito, João quer que contemos porque para o primeiro e segundo sinal, ele diz, este foi o primeiro, a mudança de água para vinho, e então a cura do filho do nobre, ele diz, este é o segundo. Ele não continua contando, mas não é minha visão particular. É costume nos estudos joaninos.

Ele quer que continuemos contando. Se fizermos isso, atingiremos sete sinais no Livro dos Sinais, que é de onde ele tira seu nome. O sétimo está no capítulo 11.

E esse é o maior dos sete. Não só cura um homem que nasceu cego no capítulo nove, mas como o próprio homem diz, ninguém nunca ouviu falar de alguém que tenha curado um homem que nasceu cego. E você não sabe de onde esse cara é.

Ele é de Deus, seus idiotas . É hilário. Um cego sem educação que agora está dando uma tarefa aos líderes de Israel, os líderes educados, e ensinando a eles o ABC da religião bíblica.

De qualquer forma, Jesus aumenta a aposta. E mais difícil do que curar os olhos de um cego é ressuscitar um morto. E é isso que ele faz no capítulo 11.

Não há mais sinais. O Livro da Glória está ausente de sinais até o capítulo 20. Quando Jesus é ressuscitado dos mortos.

Esse é o maior sinal? Alguns pensam assim. Eu sim. Por causa da predição de Jesus no capítulo dois, destrua este templo em três dias, eu o levantarei.

Em um pedido de sinal, essa foi sua resposta. O texto até nos conta que João nos deu um de seus comentários editoriais. Ele estava se referindo ao templo de seu corpo.

E após sua ressurreição, seus discípulos creram em sua palavra e nas escrituras, surpreendentemente, colocando as palavras de Jesus no mesmo nível do Antigo Testamento. E então, no capítulo 21, a pesca milagrosa de um peixe seria um belo sinal. Mas os sete sinais se agrupam no livro de sinais. O sétimo, a ressurreição de Lázaro, aponta para a ressurreição de Jesus, que é a substância dos sinais ou o grande sinal maior do que todos eles, para o qual todos eles apontam em última análise. Sinais são a palavra de João para os milagres de Jesus, registrados seletivamente no capítulo 20.

Na declaração de propósito, João diz que Jesus fez muitos outros sinais na presença de seus discípulos, que não estão registrados neste livro. Mas estes foram escritos

para que vocês creiam em Cristo, como Cristo, o Messias e o Filho de Deus, e crendo, tenham vida em seu nome. João foi seletivo; Jesus fez muitos outros sinais; ele selecionou sete, ou talvez oito, ou talvez nove, certamente oito, pelo menos e talvez nove, se a ressurreição de Jesus deve ser contada como um sinal para demonstrar a identidade de Cristo, e para suscitar fé, fé salvadora nele.

Mas a palavra de Jesus para seus sinais não é sinais. Funciona, ergo. Ele guarda, ele fala das obras que o pai me deu para fazer.

João 17. Pai glorifica teu filho para que teu filho te glorifique. Eu terminei a obra que me deste para fazer.

Incrivelmente, a grande oração sacerdotal no capítulo 17. Embora tenha sido antes de Jesus ir para a cruz, em sua mente, ele já tinha ido para a cruz. E como o versículo 24 do capítulo 17 indica, em sua mente, ele está tão decidido a ir para a cruz que ele está tão bom quanto ressuscitado e retorna ao Pai .

17:24. Pai, eu quero que aqueles que me deste estejam onde eu estou. Que vejam minha glória, a glória que me deste antes da criação do mundo porque me amaste.

Ditos do tempo. O tempo está dizendo, a propósito, que nossa reivindicação em algumas dessas distinções em João não é que elas sejam absolutamente distintas. Algumas delas aparecem nos outros evangelhos, por exemplo.

Mas é sua prevalência e sua importância no quarto evangelho que os tornam ditos de tempo distintivos, ou quando Jesus diz coisas como meu tempo ainda não chegou, ou os judeus queriam impor as mãos sobre ele, mas não o fizeram porque seu tempo ainda não havia chegado, indicando a proteção providencial do pai. Então, no final do capítulo 12, no início do 13, diz que seu tempo chegou. É o tempo designado para ele fazer seu trabalho ou suas obras.

Suas obras são as palavras que saem de sua boca e os feitos que ele faz. Suas obras são especialmente sobre sua morte e ressurreição. Os ditados de tempo são maiores do que isso porque eles realmente vão até o fim. Como no capítulo cinco, o tempo está chegando, a hora está chegando, e a hora e o tempo são um tanto intercambiáveis.

A hora está chegando quando os mortos ouvirão a voz do filho do homem, e aqueles que estão em seus túmulos sairão. João cinco, por volta de 28 e 29. Essa é uma predição, uma predição, é claro, como a da ressurreição dos mortos à voz de Jesus, o Senhor Jesus.

É João 5:28 e 29. Os ditados de tempo dão ordem histórica ao evangelho de João. Eles são muito importantes dessa forma, junto com as festas.

Eles marcam o tempo. Eles apontam para a história bíblica. Isso é importante porque João é existencial no sentido de que dizemos a alguém, um buscador, leia o evangelho de João.

É como se Jesus estivesse falando diretamente com você. Isso porque ele está falando diretamente com você. E então Bultmann pôde enfatizar essa característica disso.

Há aquela comunicação existencial, aquela comunicação direta entre Jesus e o pecador, o leitor, que levou muitas pessoas a Cristo porque concordam com a polícia do templo no capítulo sete, que foi prender Jesus e voltou de mãos vazias. E qual é o problema com você? Os fariseus querem saber. Qual é o seu problema? Onde ele está? E eles disseram, nunca nenhum homem falou do jeito que este homem falou.

Eu rio dos fariseus e dos escribas. Um cego pode ver melhor do que eles, um ex-cego. A polícia do templo, que não é nenhum estudioso, pode ouvir melhor do que os líderes, mas os líderes são cegos e surdos às reivindicações de Cristo.

Respostas a Jesus são o que queremos lidar. Duas grandes respostas a Jesus, e como a maioria dos outros temas, não todos, mas muitos, muitos temas, são introduzidos no prólogo. Ele veio para os seus; os seus não o receberam.

A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, mesmo aos que creram em seu nome — duas respostas já no prólogo. A primeira é negativa, e a segunda é positiva.

Isso é importante? Ah sim, é importante. Ele descreve o evangelho de João porque do prólogo até o final do 12, o Livro dos Sinais é amplamente recebido com fracasso. Embora Jesus tivesse feito tantos sinais na presença deles, eles ainda não acreditavam nele, 12:37.

Isso é horrível, absolutamente horrível. Esse é o versículo certo, 12:37. E claro, então isso resume, claro, algumas pessoas acreditaram, mas em geral, as palavras e ações de Jesus foram recebidas com descrença judaica.

João 20:30 e 31, como personificado em Tomé, que acreditou quando viu, não achamos que ele realmente precisava tocar. Jesus disse tocar. Ele acreditou que Jesus o declarou abençoado por crer e declarou mais abençoados aqueles que creem sem ver. Então, a declaração de propósito novamente diz que os sinais são escritos para que as pessoas possam crer que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e que, crendo, elas possam ter vida em seu nome.

Então, as respostas a Jesus já delineadas no prólogo realmente delineiam o livro em termos de respostas ao Filho de Deus. 12:37 resume a resposta da maioria às mensagens e milagres de Jesus no Livro dos Sinais, e isso é negativo. 20, 30 e 31 resumem a resposta de fé dos 11 discípulos no capítulo 13, versículo 1. Jesus leva os discípulos para o cenáculo e fecha a porta para o mundo.

O público do Livro dos Sinais é o mundo, especialmente o mundo judaico. O público do Livro da Glória são os discípulos — testemunhas de Jesus.

Testemunhas de Jesus são apresentadas no prólogo, especialmente com João Batista. É exatamente assim que ele é identificado. Ele não é o Cristo.

Ele é um indicador para o Cristo. Ele é uma testemunha. Ele foi enviado por Deus para dar testemunho da luz.

Ele não é a luz, mas foi enviado para dar testemunho da luz para que todos possam crer na luz por meio dele. Testemunhas de Jesus estão por todo o evangelho de João, o grande estudioso católico romano do evangelho, Raymond Brown, e seu comentário bíblico âncora me ensinou isso. João minimiza o tempo real, o texto real em que Jesus está diante de Pilatos e Herodes nos julgamentos em direção ao fim de sua vida.

Ele inclui isso, às vezes com uma ironia quase hilária, que veremos mais tarde. Mas ele inclui isso, mas corta, encurta. Em vez disso, ele mostra que Jesus esteve em julgamento a vida inteira.

E os líderes judeus o rejeitam. Eles o condenam. Esse é o veredito deles.

Mas Deus dá outro veredito, e ele o faz por meio de talvez sete. Esse número é recorrente? Sim. Talvez sete, mas eu obtenho isso por ter outra categoria, então talvez seja falacioso.

Mas muitas testemunhas, pelo menos sete. E isso é encontrado em duas passagens principais em João, as testemunhas de Cristo. A grande está bem no capítulo cinco.

O Antigo Testamento, o Pai, os milagres de Jesus e João Batista, todos dão testemunho do Filho de Deus. Não faltam evidências. É exatamente isso que João está mostrando.

Jesus está em julgamento a vida inteira. Sim, há provações no final, e João as tem. Mas ele está em julgamento o tempo todo.

E o Pai até dá testemunho do céu. Pai, glorifica teu nome, capítulo 12. Pai, Deus fala do céu.

Eu o glorifiquei, e o glorificarei novamente. E todas as pessoas dizem, aleluia, ouvimos a voz de... Não, elas não ouviram. Elas dizem que eu acho que trovejou, ou que eu acho que um anjo falou.

Em outras palavras, John está sendo irônico e até sarcástico. Se o bom Deus falasse do céu, essas pessoas não entenderiam. A apresentação primária do pecado de John é como descrença, e lá está.

Deus fala do céu, glorificando seu próprio nome em seu filho, e os ouvintes não ouvem. Eles não entendem. Eles usam linguagem sinótica.

Eles não têm ouvidos para ouvir. Refletindo Isaías 6. O capítulo oito também tem testemunhas significativas de Jesus e o suficiente dito — imagens do Filho de Deus.

João pinta muitos quadros de Jesus. Ele é o revelador de Deus. Ele é o doador da vida.

Ele é o Messias, o Cristo. Ele é o Filho do Homem. Ele é o Filho de Deus e muito mais.

João também pinta quadros da obra salvadora de Jesus. É a doutrina da expiação? É maior do que isso. É sua obra salvadora.

Sim, a primeira menção está lá no capítulo um. Ele é o Cordeiro de Deus, como disse João Batista, que tira os pecados do mundo, um tema sacerdotal sacrificial desenvolvido na oração sacerdotal. Eu me santifico para que eles, os discípulos e outros crentes, sejam santificados, mas sua obra salvadora o inclui como o grão de trigo que cai no chão e morre e produz uma grande colheita, e ele é o vencedor que vence o diabo e o mundo em nome de seu povo.

Ele é o doador da vida, como dissemos. Isso é parte de sua obra salvadora, sua ressurreição salva. Na verdade, o capítulo 10 diz, eu tenho, eu dou minha vida, eu a tomo de novo.

O Pai me deu permissão para entregar minha vida e tomá-la novamente. O Espírito Santo ocorre no quarto evangelho. Primeiramente, ele é visto como pós-Pentecostes, mas não absolutamente.

Ele aparece antes disso, mas muitas vezes temos uma doutrina da binidade no quarto evangelho, e eu digo assim. Bem, aqui temos o Pai e o Filho apresentados como Deus. Não temos o Espírito Santo apresentado como Deus aqui, mas a teologia cristã diz, com base em todo o evangelho de João e no que sabemos do resto do Novo Testamento, que o Espírito também é Deus.

Então, temos a doutrina de uma trindade, a trindade assumida ou projetada, algo assim, porque principalmente João fala nos discursos de despedida, 14, 15, 16, do Espírito como o Espírito da verdade e o Espírito da vida. Ambos são vistos como ministérios futuros do Espírito Santo, e talvez a coisa mais importante a dizer sobre o Espírito é que ele toma o lugar de Jesus. Ele é o alter ego de Jesus, e muitos dos ministérios de Jesus, convencendo o mundo do pecado, revelando o Pai, glorificando o Pai, dando vida, são tomados pelo Espírito da verdade, e ele também é o Espírito da vida.

Essas tags vêm do maravilhoso livro de Sinclair Ferguson sobre o Espírito Santo. O livro é chamado *The Holy Spirit, Condors of Christian Theology* na Varsity Press. A teologia de John também inclui a igreja.

Ele não usa a igreja. Somente Mateus usa essa palavra dos evangelhos nos capítulos 16 e 18 do seu evangelho, mas João tem a ideia da igreja sem a palavra igreja. Precisamos estar cientes da falácia do conceito de palavra.

Funciona de duas maneiras. Uma maneira é dizer que você deve ter uma palavra ou palavras específicas para comunicar uma ideia. Neste caso, você deve ter a palavra igreja ou igrejas, e isso está errado, simplesmente errado.

João nunca diz a igreja, mas a igreja é composta de ovelhas. É composta daqueles que permanecem na videira. É o povo de Deus que o Pai deu ao Filho, e muito mais, que examinaremos, um tema que não é tão comumente examinado, mas que é importante.

A salvação está em todo lugar, e então temos seis tópicos dedicados a ela. O amor de Deus, a fonte, a base, a fonte da salvação, se preferir, eleição, Deus escolhendo pessoas para a salvação. Aqui, novamente, evitamos a falácia do conceito de palavra.

João nunca usa a palavra eleição, predestinado ou predestinação, mas com três figuras, ele apresenta o conceito de eleição. O Pai dá pessoas ao Filho. O Filho é o autor da eleição no capítulo 15.

Acho que não cheguei ao terceiro antes, omiti. Na terceira imagem da eleição, o Pai dá pessoas ao Filho. Quatro vezes em João 17, essa noção ocorre.

Ela determina a oração sacerdotal. É incrível. Jesus é o autor da eleição somente em João 15, 16 e 19.

A terceira imagem é a identidade anterior ou antecedente do povo de Deus. Em João 10, Jesus diz, Eu conheço minhas ovelhas, dou a elas a vida eterna, e elas nunca perecerão. Alguns versículos antes, ele diz, talvez por volta do versículo 26, depois, com que autoridade vocês fazem esses sinais? Façam outro sinal, Jesus diz.

Eu fiz muito de vocês não acreditarem. Vocês não acreditam porque não são minhas ovelhas. Minhas ovelhas ouvem minha voz, e elas me seguem, e eu lhes dou vida eterna.

Agora, espere um minuto. Isso disse que você não é minha ovelha porque você não acredita? Não. Não é verdade? Sim.

Na verdade, isso é mais comum no evangelho de João, não as palavras em si, mas o conceito. A descrença desqualifica alguém da vida eterna. Então, certamente, vocês não são minhas ovelhas porque não acreditam que é verdade.

Não é isso que Jesus diz aqui. Ele diz que vocês não acreditam porque não são minhas ovelhas. As ovelhas, e eu as chamarei de bodes, têm uma identidade anterior, oh, conhecida somente por Deus.

Os discípulos não sabem quem é eleito e quem não é eleito, mas Deus sabe. E esta é a terceira imagem da eleição no evangelho de João. Minhas ovelhas são designadas dessa forma.

Há um antecedente ou identidade anterior para o povo de Deus antes que eles creiam. Minhas ovelhas ouvem minha voz. Isso significa que elas creem em Jesus e me seguem.

Isso significa que eles entram em uma vida de discipulado. Eu lhes dou vida eterna, e eles nunca perecerão. A eleição é um tema importante do quarto evangelho, como DA Carson mostra em seu grande livro, *Divine Sovereignty and Human Responsibility, Biblical Perspectives and Tension*.

Em seu livro mais popular, ele também mostra *How Long, O Lord*, declarações bíblicas sobre sofrimento e mal. Esse não é o subtítulo certo, mas é próximo. A vida eterna ocorre muitas, muitas vezes no quarto evangelho.

Como muitos estudiosos disseram, se o reino de Deus é a palavra ressonante nos três primeiros evangelhos, vida, vida eterna, é a palavra no quarto evangelho. Como veremos quando olharmos para o vocabulário de João, o reino de Deus não está ausente, mas é muito mínimo. A vida eterna está em todo lugar.

Minha palavra, são 34 ou 35 vezes que ocorre no evangelho de João, um total de menos de 20 vezes nos outros evangelhos, sempre em João da vida eterna. É o presente de Deus, a soberania divina. É o que se recebe ao crer em Jesus, a responsabilidade humana.

Já é, e ainda não é. Já é, e esta é a vida eterna, João 17:3, para que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Conhecer o Pai e o Filho agora é a vida eterna.

Capítulo 5, todo aquele que ouve a minha voz e crê naquele que me enviou passou da morte para a vida. Agora, alguns versículos depois em João 5, 28, 29, é a dimensão ainda não da vida eterna. A voz do Filho do Homem, aqueles em seus túmulos sairão, incluindo aqueles que fizeram o bem, e eles sairão para uma ressurreição de vida eterna.

Salvação também fala de atrair, pelo menos duas vezes eu consigo pensar. João diz que o Pai atrai as pessoas para o Filho. Isso significa que ele usa afetuosamente a linguagem de Paulo e as chama no tempo e no espaço para que elas creiam no Filho de Deus.

Desenhando. Capítulo 12, Jesus diz que atrai todas as pessoas para si. Neste contexto, não apenas os judeus, mas os gregos pediram para falar com ele.

Ele parece afastá-los, mas os inclui neste grande ditado. A ressurreição dos mortos é ensinada no quarto evangelho, onde Jesus diz inúmeras vezes, Eu ressuscitarei as pessoas que o Pai me deu, as pessoas que vêm a mim, isto é, creiam em mim, as pessoas que o Pai atrai a mim, Eu as ressuscitarei no último dia. Ele repete isso no capítulo seis, por exemplo.

Então, a salvação culmina na ressurreição para a vida eterna para o povo de Deus, para aqueles que creem em Jesus. A salvação também envolve a obra de preservação de Deus, mantendo seu povo. Esta é a vontade do Pai, capítulo seis, que eu não perca nenhum dos que ele me deu, mas os ressuscite no último dia.

Todo aquele que crê em mim, que vem a mim, eu não lançarei fora. Jesus guarda as ovelhas. Ele preserva seu povo.

Na verdade, o capítulo 10 mostra que é a obra do Pai e do Filho em harmonia. Eu lhes dou a vida eterna, João 10:26, e eles nunca perecerão. O Pai que os deu a mim é maior.

Tenho que ir lá, desculpe. Quando você começa a estragar um texto, você vai para o texto—princípio número quatro.

Quais são os três primeiros princípios? Não tenho ideia. Minhas ovelhas me ouvem, eu as conheço, elas me seguem, eu lhes dou vida eterna, elas nunca perecerão. E ninguém as arrebatará da minha mão.

É uma imagem de violência, afastando as pessoas de Jesus, ou talvez de ovelhas dos braços fortes do pastor. O pensamento é que se ele usa o termo mais forte, arrebatado, inclui termos menores. Então, ele vai para o mais alto grau de oposição.

Não somente isso, não somente Jesus guarda suas ovelhas, mas meu Pai que as deu a mim é maior que todos. Há uma subordinação econômica do Filho ao Pai quando o Filho vem ao mundo. Não uma subordinação ontológica de modo a tornar o Filho menor que Deus, mas ele é menor que o Pai funcionalmente em que o Deus, o Filho, se torna um ser humano e se subordina voluntariamente ao Pai para a obra de salvação do povo de Deus.

Meu Pai, que as deu a mim, é maior do que todos. Ninguém é capaz de arrebatá-las da mão do Pai. Eu e o Pai somos um em contexto não é uma declaração sobre ontologia filosófica.

Somos um em nosso ser, mas é uma declaração sobre a divindade do Pai e do Filho porque eu lhes dou vida eterna. Eles nunca perecerão. Eu os preservo, o Pai os preserva, eu e o Pai somos um em nossa obra divina de preservar as ovelhas. Jesus faz aquela obra que somente Deus realiza.

Preservação é um aspecto da salvação, tradicionalmente chamado de perseverança dos santos. É feito pelo Pai e pelo Filho no quarto evangelho. Não penso imediatamente em um caso em que é feito pelo Espírito em Paulo; posso pensar em casos no quarto evangelho.

Não consigo pensar em nenhuma, mas se eu fosse em direção à teologia sistemática, eu diria que, uma vez que Deus é uma trindade, ele é três em um, e todas as suas obras são indivisíveis. Não confundimos as pessoas, mas as obras de Deus são uma. São o Pai, o Filho e o Espírito que nos mantêm salvos, embora eu não possa mostrar um texto no quarto evangelho já e ainda não.

Em consonância com o restante do Novo Testamento, João mostra que as principais características das últimas coisas são cumpridas em Jesus e que elas ainda estão para ser cumpridas ao mesmo tempo. Vemos isso com os ditos de tempo, e seu tempo havia chegado, fim de 12. Jesus, sabendo que o tempo havia chegado para ele deixar este mundo e retornar ao Pai, ama os seus até o fim, João 13.1. Isso já é, e ainda assim o tempo para a ressurreição dos mortos, João 5.28-29, ainda não é.

Ainda é futuro. A vida eterna em João é primariamente já. É primariamente um fato consumado.

É a posse presente dos crentes. Mas também é futuro. Quero dizer, sim, também é futuro.

Ah, João 12. Então, predominantemente, a vida eterna está agora no quarto evangelho. Aqui está um lugar. Talvez haja mais de um, mas aqui está um que me vem à mente.

João 12:25. Quem ama a sua vida, perde-a. Quem odeia a sua vida neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna, que é contrastada com a vida neste mundo. Significa vida no próximo mundo.

Quem odeia sua vida, a chamada comparação oriental, comparada com o amor a Deus, nosso amor por qualquer outra coisa, é ódio. Não significa literalmente odiar sua vida. Quem odeia sua vida neste mundo a guardará para a vida eterna.

Os comentários sobre João mostram que essa é uma referência futurística à vida eterna. E assim é com outros temas também. Eles já são, e eles ainda não são.

Já, há a ressurreição dos mortos, João 5, a ressurreição espiritual. Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, é o quanto Jesus é o revelador do Pai, passou da morte para a vida. Ele foi ressuscitado espiritualmente.

Mas João 5.28.29, é somente à voz do Filho do Homem no futuro que os mortos sairão de seus túmulos. Isso é o suficiente para nossa primeira palestra. Tivemos uma visão geral da teologia de João.

Vamos abordar seu estilo em nossa próxima palestra.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Teologia Joanina. Esta é a sessão 1, Visão Geral da Teologia Joanina.